

La retrouver (récit)

Charles-Ferdinand Ramuz

Em: *Le Village brûlé, Derniers récits.*

La Croix-sur-Lutry: Plaisir de Lire, 1987, p. 49-64.

Elle n'est pas encore là, mais sûrement qu'elle va venir. Il n'a qu'à l'attendre, il a le temps. Il s'est assis sur le talus. Juste un peu au-dessous de lui, dans le fond du trou, qu'elle s'est creusé, la source continue à se soulever d'en dessous en silence, faisant monter à sa surface ses bouillons tout pareils à de petites taupinières. Ils remuaient insensiblement, ils étaient agités, inépuisables.

Il fermait les yeux. On n'entendait rien; on n'entendait même pas le bruit furtif de l'eau qui s'écoulait dans sa rigole. Une feuille d'un jaune clair ne tombe pas, elle se balance; elle va de droite à gauche comme si elle pendait au bout d'un fil. Il ferme les yeux. On entend tout au plus, loin au-dessus de la voûte des arbres, grincer les corbeaux qui s'en vont par bandes en cette saison s'abattre sur les champs, fraîchement retournés, et qui refont à votre intention le ciel invisible où ils sont. Il a fermé les yeux: c'est alors qu'elle est venue. Elle n'a point fait de bruit non plus, mais elle vient. Il a su qu'elle était là parce qu'il la voit de derrière ses paupières closes. Qui se met debout, qui s'avance, qui tend ses bras de chair, qui a laissé ployer en avant son corps de chair, qui s'appuie sur ses mains, qui a mis la terre sous elle avec sa poitrine de chair qui va en avant, qui s'écrase et pèse d'un grand poids. Elle est là, sa bouche s'ouvre, sa bouche et ses lèvres avides avec lesquelles elle prend l'eau et avec ses dents mord dedans, la ramenant à elle par lambeaux qu'on voit qui pendent sur son menton. Elle se redresse, ses épaules sont larges. Elle se tourne vers lui et sourit. "Ah! Francine!" Il ne peut pas s'empêcher, cette fois; il se lève, il va à elle, il l'a prise dans ses bras; il ouvre les yeux, il n'y a personne. Ses bras se referment sur l'air, il serre contre lui une forme inconsistante, une forme trompeuse, une forme vide: "C'est rien!" Tandis qu'il la repousse, mais elle n'est que néant, vacuité, absence, de sorte que son geste le porte en avant comme quand on appuie contre une porte qu'on croit fermée. Il secoue la tête. Et il a regardé encore autour de lui, mais il n'y a rien autour de lui que des choses de toujours, des choses pleines d'ironie. Cependant il ne pouvait y croire. Il se disait: "Il faudra encore essayer." La retrouver. Et il partait le soir, puis revenait à vide, mais il ne se décourageait pas.

Reencontrá-la (narrativa)

A jovem morreu. Ele sente que a cada dia que passa, a sua presença vai se tornando mais vaga, os traços mais imprecisos, a lembrança vai morrendo aos poucos. A sua indiferença com os outros, com o seu trabalho, é dominada pela obsessão de reencontrá-la, na neblina da floresta onde costumavam andar juntos, perto da nascente. Foi ali que ela bebera uma água tão cristalina e tão gelada que, no entanto, a levou à morte.

Ela ainda não chegou, mas com certeza ela vai vir. É só esperar por ela, ele tem o tempo. Ele sentou na encosta. Logo abaixo dele, no fundo do buraco, cavado por ela, a nascente continua surgindo de baixo em silêncio, deixando subir à superfície as suas borbulhas parecidas com as pequenas elevações de terra feitas pelas toupeiras. Elas se moviam insensivelmente, eram agitadas, inesgotáveis.

Ele fechava os olhos. Não se ouvia nada; nem se ouvia o ruído furtivo da água que corria no seu leito. Uma folha amarela clara, em vez de cair, se balança; ela vai à direita, à esquerda, como se estivesse pendurada a um fio. Ele fecha os olhos. Apenas se ouvem, muito acima da copa das árvores, os corvos grasnando que voam em bandos nesta estação e se precipitam sobre as lavouras novas, e que refazem à nossa intenção o céu invisível onde estão. Ele fechou os olhos: então soube que ela havia chegado. Também não fez nenhum barulho, mas está chegando. Soube que ela estava, porque podia vê-la através das pálpebras fechadas. Erguendo-se, andando para a frente, estendendo os braços de carne, ela que se deixou debruçar para frente, com seu corpo de carne, que se apóia nas mãos, que deixou cair a terra embaixo dela, com seu peito de carne indo para a frente, esmagado pelo próprio peso. Aí está ela, sua boca se abre, sua boca com seus lábios ávidos, com os quais ela toma a água, a morde com os dentes, recolhendo-a por retalhos que são vistos caindo no queixo. Ela se reergue, os ombros são amplos. Ela se vira para ele e sorri: “Ah! Francine!” Ele não consegue se conter, desta vez; levanta, vai até ela, ele a tomou nos braços; ele abre os olhos, não há ninguém. Seus braços se fecharam no ar, apertando contra ele uma forma sem consistência, uma forma enganosa, uma forma vazia: “Não é nada!” Enquanto isso, ele a empurra para trás, mas ela é só vazio, ausência, vácuo, de modo que seu gesto o impulsiona para frente, como quando você se apóia numa porta que acreditava estar fechada. Ele abana a cabeça. Ela ainda olhou ao redor, mas não havia nada ao redor, senão as coisas de sempre, coisas cheias de ironia. Entretanto não conseguia acreditar. Dizia para si mesmo: “vai ser preciso tentar de novo.” Reencontrá-la. E ele ia embora à noite, voltava sem nada, porém nunca desanimava.

Tradução: Pierre Guisan